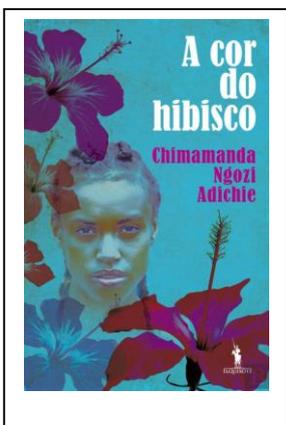


## [A cor do hibisco] [Chimamanda Ngozi Adichie]



### [Chimamanda Ngozi Adichie] Biografia:

Chimamanda Ngozi Adichie (Enugu, 15 de setembro de 1977) é uma feminista e escritora nigeriana. Ela é reconhecida como uma das mais importantes jovens autoras anglófonas de sucesso, atraindo uma nova geração de leitores de literatura africana. Chimamanda nasceu na Nigéria, no estado de Anambra, mas cresceu na cidade universitária de Nsukka, no sudeste da Nigéria, onde se situa a Universidade da Nigéria. Seu pai, James Nwoye Adichie, era professor de Estatística na universidade. E sua mãe, Grace Ifeoma, foi a primeira mulher a trabalhar como administradora no mesmo local. Chimamanda estudou medicina e farmácia por um ano e meio na Universidade da Nigéria. Durante este período, ela atuou como editora na revista, *The Compass*, dirigida pelos alunos de medicina da universidade católica. Ao completar dezenove anos, deixou a Nigéria e mudou-se para os Estados Unidos da América para estudar comunicação e ciências políticas, na Universidade Drexel, em Filadélfia. Porém, Chimamanda logo se transferiu para a Universidade de Connecticut para ficar perto da sua irmã. Em 2003, completou seu mestrado em escrita criativa na Universidade Johns Hopkins de Baltimore, e em 2008, recebeu o certificado como mestre de artes em estudos africanos pela Universidade Yale. Seu primeiro romance, *Purple Hibiscus* (Brasil: *Hibisco roxo* / Portugal: *A cor de hibisco*), foi publicado em 2003. O segundo, *Half of a Yellow Sun* (Meio sol amarelo), assim chamado em homenagem à bandeira do Biafra, retrata o que antecede e o que ocorre durante a guerra do Biafra. Foi publicado pela editora Knopf/Anchor em 2006, e ganhou o Orange Prize na categoria de ficção em 2007.



### Sinopse de [A cor do hibisco]

Os limites do mundo da jovem Kambili são definidos pelos muros da luxuosa propriedade da família e pelas regras de um pai repressivo. O dia-a-dia é regulado por horários: rezar, dormir, estudar e rezar ainda mais. A sua vida é privilegiada mas o ambiente familiar é tenso. O pai tem expectativas irreais para a mulher e os filhos, e pune-os severamente quando se mostram menos que perfeitos. Quando um golpe militar ameaça fazer desmoronar a Nigéria, o pai de Kambili envia-a, juntamente com o irmão, para casa da tia. É aí, nessa casa cheia de energia e riso, que ela descobre todo um novo mundo onde os livros não são proibidos, os aromas a caril e noz-moscada impregnam o ar, e a alegria dos primos ecoa. Esta visita vai despertá-la para a vida e para o amor e acabar de vez com o silêncio sufocante que a amordaçava. Mas a sua desobediência vai ter consequências inesperadas. Uma obra sobre liberdade, amor e ódio, e a linha tênue que separa a infância da idade adulta, que marcou a estreia de uma escritora extraordinária.

## Chimamanda Ngozi Adichie: conheça os melhores livros da escritora

*A autora nigeriana é feminista e atrai uma nova geração de leitores de literatura africana*

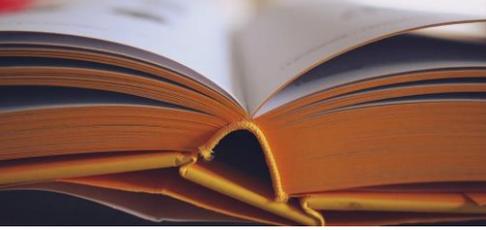
**NÁDIA SIMONELLI**

05 JUL 2022 - 07H22 ATUALIZADO EM 05 JUL 2022 - 07H22 (VOGUE)



*Chimamanda Ngozi Adichie (Foto: Reprodução)*

Conhecida por ser uma das mais importantes jovens autoras de língua inglesa, **Chimamanda Ngozi Adichie**, de 44 anos, atrai leitores do mundo todo. A literatura africana atingiu um público ainda maior depois de suas obras. Apesar disso, o início da vida acadêmica da escritora não era diretamente ligado às letras. [Chimamanda](#) estudou medicina e farmácia durante um ano e meio na Universidade da Nigéria e, ao mesmo tempo,

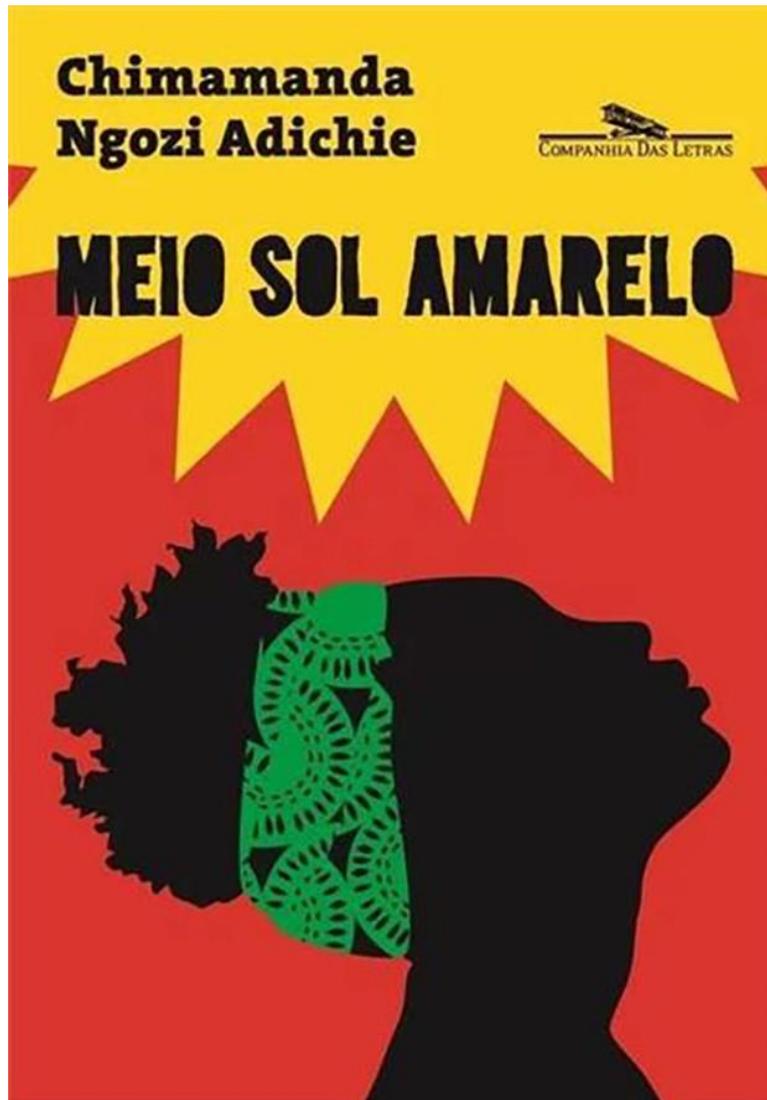


atuava como editora na revista *The Compass*, uma publicação da instituição de ensino dirigida pelos alunos. Mas, quando completou 19 anos, se mudou para os Estados Unidos para estudar comunicação e ciências políticas. Depois disso, fez um mestrado em escrita criativa e foi reconhecida como mestre de artes em estudos [africanos](#) pela Universidade Yale.

Foi na época em que fez o mestrado, em 2003, que Chimamanda escreveu seu primeiro romance, intitulado *Hibisco Roxo*. Depois disso, foram muitos *best sellers* e prêmios, como o Orange Prize, recebido pelo livro *Meio Sol Amarelo*, de 2006. Escritora criativa, com envolvimento e liderança [feminista](#), ela se tornou um ícone contemporâneo e tem livros traduzidos em mais de 30 idiomas. Como escritora de ficção, suas obras retratam dramas sociais nigerianos, além das situações dos imigrantes nos Estados Unidos e questões feministas. Conheça abaixo, os títulos mais emblemáticos da carreira de Chimamanda.

### **Hibisco Roxo (2003)**

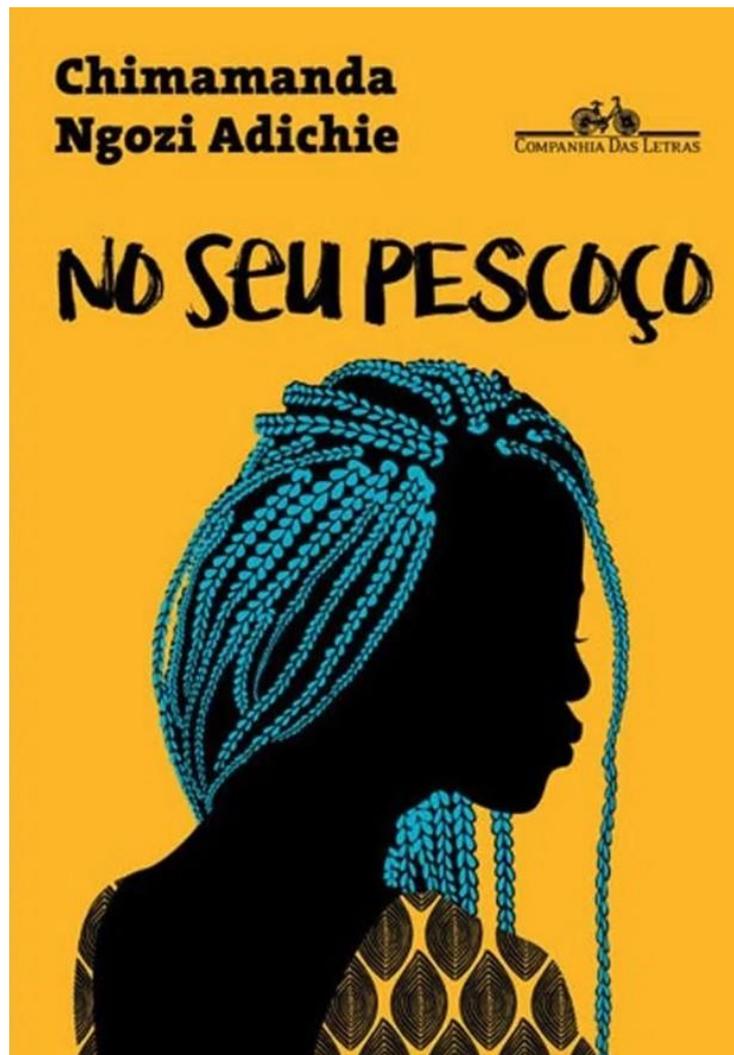
Neste livro, Chimamanda é protagonista e narradora da história, que traça um panorama político e religioso da **Nigéria contemporânea**. A adolescente Kambili mostra como a religiosidade branca e católica de seu pai, um famoso industrial nigeriano, inferniza e destrói lentamente a vida de toda a família. O pavor de Eugene às tradições primitivas do povo nigeriano é tamanho que ele chega a rejeitar o pai. Enquanto narra as aventuras de Kambili e sua família, o romance também apresenta um retrato original da Nigéria atual.



*Meio Sol Amarelo, de Chimamanda Ngozi Adichie (Foto: Reprodução )*

### **Meio Sol Amarelo (2006)**

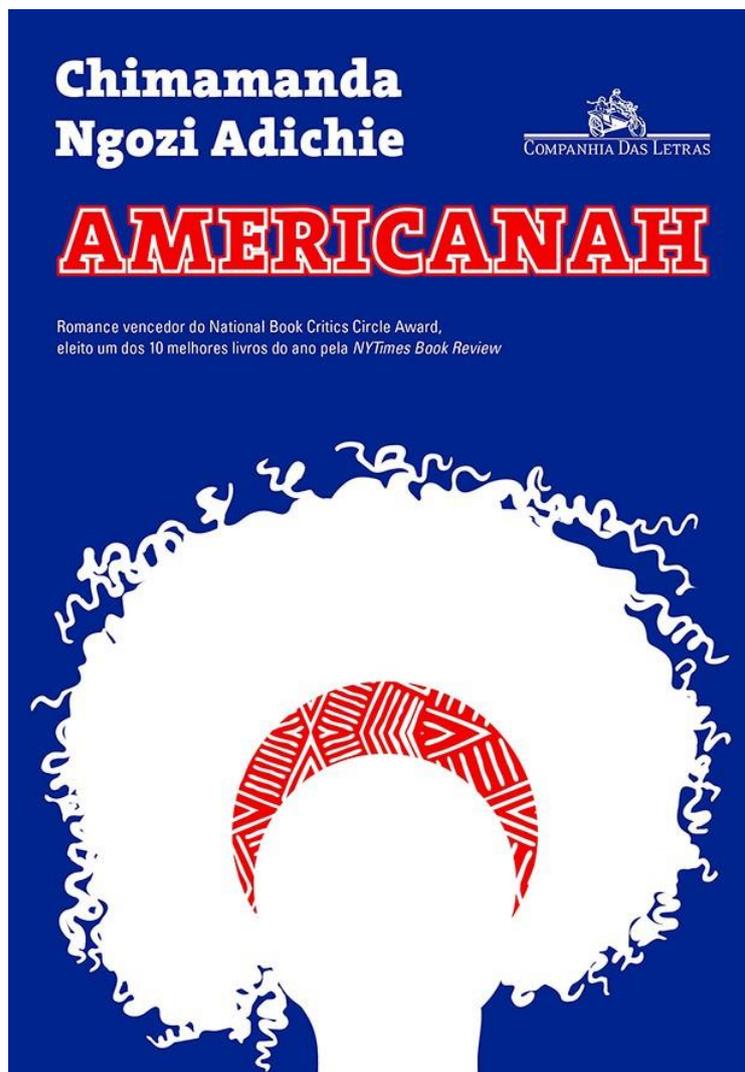
Chimamanda revela o horror da **guerra de Biafra** em um romance épico, que não perde de vista o caráter humano. Em uma guerra que dividiu a Nigéria na tentativa de criar o estado independente de Biafra, um grupo de pessoas busca provar ao mundo que é capaz de sobreviver e resguardar seus sonhos e integridade moral. Ugwu é um garoto de aldeia que procura se ajustar a uma realidade em rápida transformação. Já Olanna é uma moça da alta sociedade que se torna professora universitária e vive com Odenigbo, que abraça a causa revolucionária.



*No seu Pescoço, de Chimamanda Ngozi Adichie (Foto: Reprodução )*

### **No seu Pescoço (2009)**

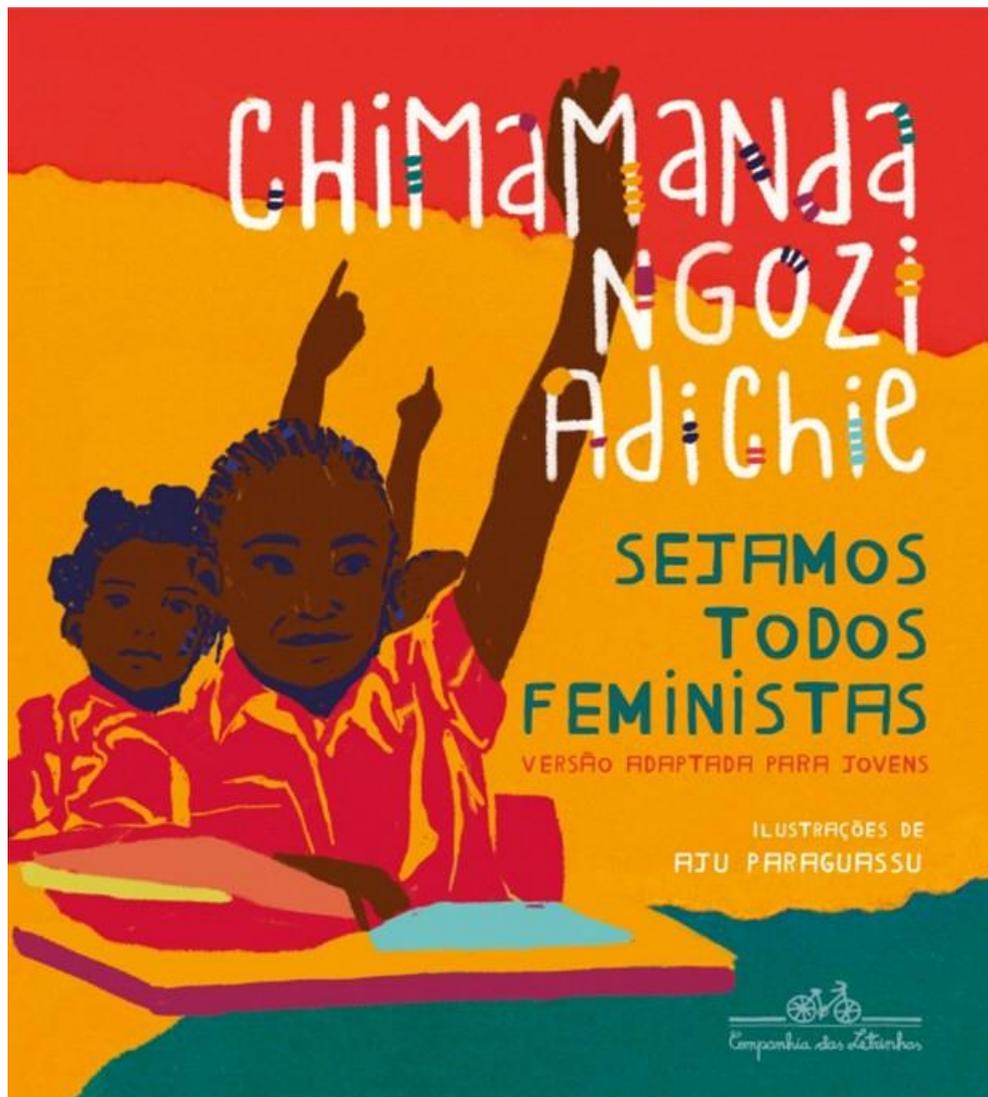
Nos 12 contos que compõem este livro, é possível sentir a sensibilidade de Chimamanda para os temas da **imigração**, **desigualdade racial**, conflitos religiosos e relações familiares. Ela parte da perspectiva do indivíduo para atingir o que é universal e, com isso, proporciona aos leitores uma importante experiência da empatia.



*Americanah*, de Chimamanda Ngozi Adichie (Foto: Reprodução )

### **Americanah (2013)**

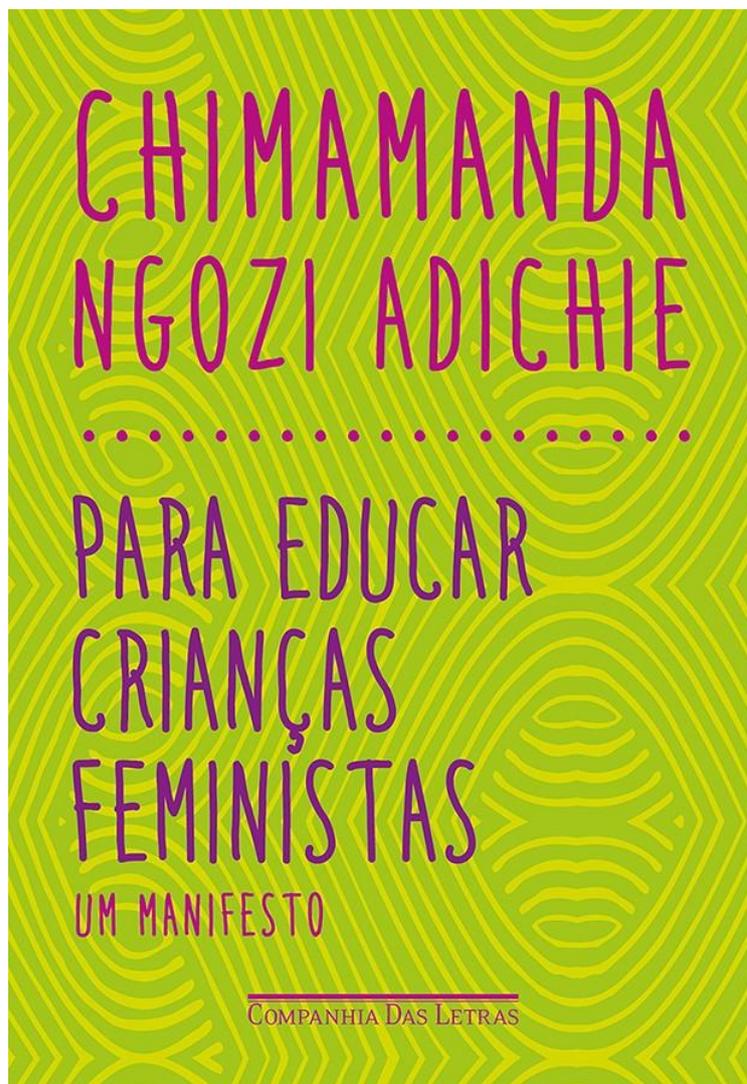
Enquanto os jovens Ifemelu e Obinze vivem o primeiro amor nos anos 1990, a Nigéria enfrenta tempos sombrios sob um governo militar. Em busca de alternativas às universidades nacionais, paralisadas pelas greves, Ifemelu se muda para os Estados Unidos. Ao mesmo tempo que se destaca no meio acadêmico, ela depara pela primeira vez com a **questão racial** e com as agruras da vida de imigrante, mulher e negra.



*Sejam Todos Feministas, de Chimamanda Ngozi Adichie (Foto: Reprodução )*

### **Sejam Todos Feministas (2014)**

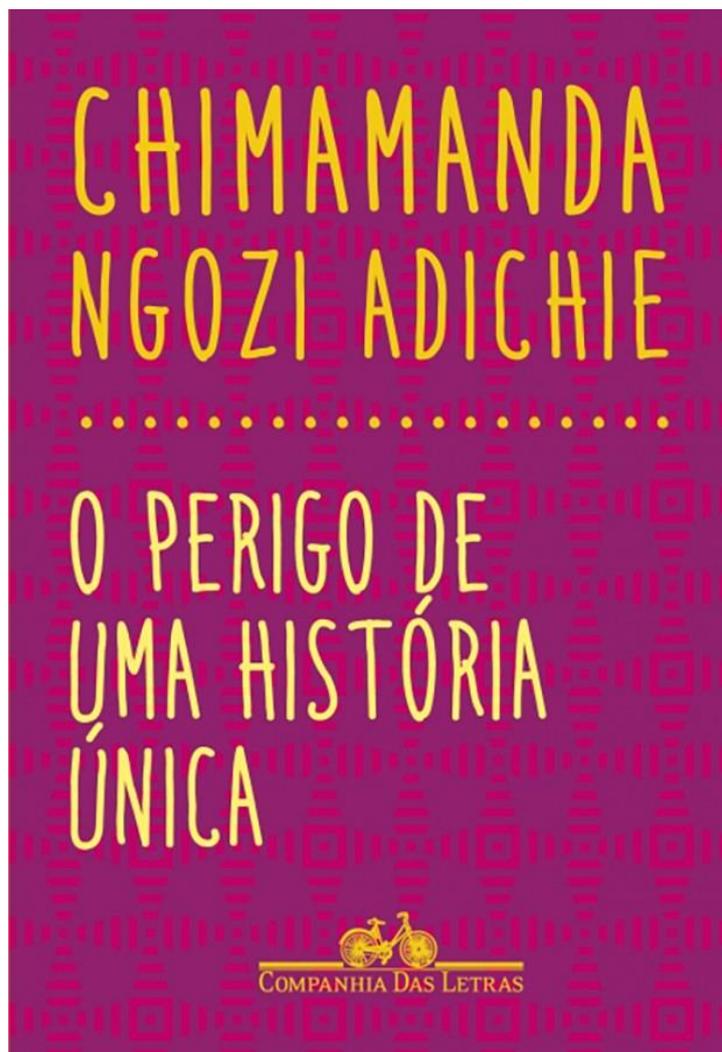
Com tom preciso e revelador, neste ensaio Chimamanda parte de sua **experiência pessoal** de mulher e nigeriana para mostrar que muito ainda precisa ser feito até que a gente alcance a **igualdade de gênero**. Segundo ela, esse assunto diz respeito a todos, homens e mulheres, pois será libertadora para todos.



*Para Educar Crianças Feministas, de Chimamanda Ngozi Adichie (Foto: Reprodução )*

### **Para Educar Crianças Feministas (2017)**

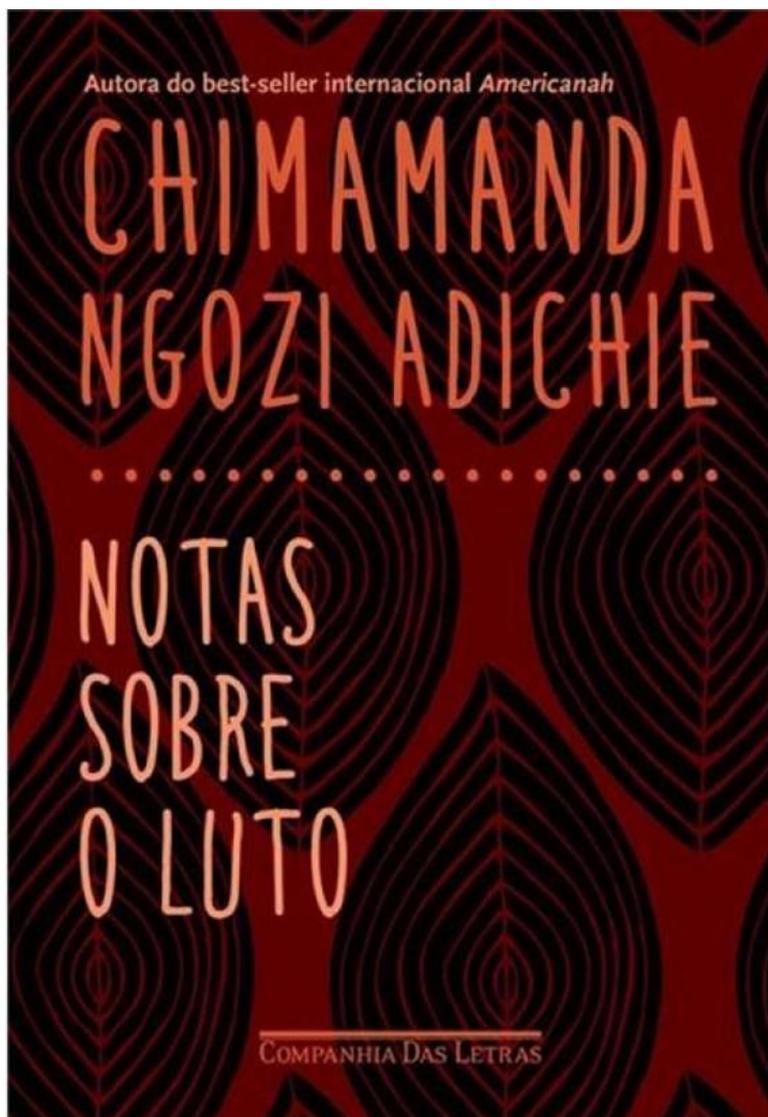
Neste manifesto, Chimamanda compartilha 15 sugestões de como criar filhos dentro de uma **perspectiva feminista**. O livro foi escrito no formato de uma carta da autora a uma amiga que acaba de se tornar mãe de uma menina e traz conselhos simples e precisos de como oferecer uma formação igualitária a todas as crianças.



*O Perigo de uma História Única, de Chimamanda Ngozi Adichie (Foto: Reprodução )*

### **O Perigo de uma História Única (2018)**

Com a proposta de uma ideia de **diversificar as fontes do conhecimento** e sermos cautelosos ao ouvir somente uma versão da história, Chimamanda constrói a palestra que foi adaptada para este livro. Trata-se de uma versão da primeira fala feita por Chimamanda no programa TED Talk, em 2009. Dez anos depois, o vídeo é um dos mais acessados da plataforma.



*Notas sobre o Luto, de Chimamanda Ngozi Adichie (Foto: Reprodução )*

### **Notas sobre o Luto (2021)**

Este livro foi escrito após a **morte do pai de Chimamanda** em junho de 2020, durante a **pandemia** de Covid-19. É um poderoso relato sobre a imensurável dor da perda e as lembranças e resiliência trazidas por ela. A autora se debruça não só sobre as dimensões familiares e culturais do **luto**, mas também sobre a solidão e a raiva inerentes a ele. Chimamanda junta a própria experiência com a morte de seu pai às lembranças da vida de um homem forte e honrado, sobrevivente da Guerra de Biafra, professor de longa carreira, marido leal e pai exemplar.

## Chimamanda Ngozi Adichie fala sobre racismo no Brasil: 'Em uma democracia, a ideia é que todos devem ser representados'

Escritora nigeriana, que é mãe de uma menina, fala sobre feminismo: 'Vou ter que ensiná-la que raça não a define. E também sobre as pessoas que são racistas, que isso é problema delas'.

Por Fantástico

15/05/2022 22h17 Atualizado há 3 meses

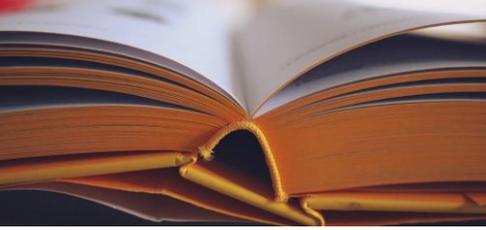


*Chimamanda Adichie fala sobre literatura, racismo e machismo ao Fantástico*

A escritora nigeriana **Chimamanda Ngozi Adichie**, que tem livros traduzidos em mais de 30 idiomas e se tornou um ícone contemporâneo, veio ao Brasil neste fim de semana e falou para três mil pessoas no "Ler - Festival do Leitor", no Rio de Janeiro.

Aos 43 anos de idade, ela já foi parar em coleção de moda, estampando camisetas e bolsas. E também na música "Flawless", de Beyoncé, que reproduziu trechos de uma das palestras mais famosas da escritora. Mas será que Chimamanda se considera um ícone pop? Ela responde:

"Não, não! E nem quero ser. Às vezes sinto pena dos ícones pop. É difícil ser um".



Ela carrega o poder da palavra que arrasta multidões. Para se ter uma ideia, os três mil ingressos disponíveis para o evento no Rio acabaram em 45 minutos.

“Estou muito feliz em estar aqui. Sinto uma conexão com o Brasil e gostaria de falar português, o português brasileiro”, afirma Chimamanda.

**Assista, no vídeo acima, à conversa sobre racismo, feminismo, fama e família**

Quando tinha 19 anos, ela desembarcou nos Estados Unidos, onde se formou em Ciências Políticas e Comunicação. Foi aí que ela se descobriu negra.

“De repente, percebi que sou negra. Mas não é apenas sobre ser negra. Também percebi que o negro na América veio com tantos estereótipos negativos, e que esses estereótipos foram, de repente, ligados a mim”.

Esta é a segunda vez que Chimamanda vem ao Brasil. Na primeira visita, em 2008, a escritora ficou surpresa com a ausência de negros em espaço de poder. Ela acredita que o Brasil é uma Nigéria, só que com estradas melhores.

“Eu me lembro de ter ficado impressionada com a ausência de pessoas negras. Então disse para as pessoas ao meu redor: ‘Onde estão os negros?’. Acho que é algo que deveria mudar só porque se você vive em uma democracia, a ideia de democracia é que todos devem ser representados”, diz. O combate ao racismo e ao machismo também é destaque no livro “Para Educar Crianças Feministas”, escrito em formato de uma carta de Chimamanda para uma amiga que acabou de se tornar mãe de uma menina. Trata-se de um guia que traz conselhos simples e precisos de como oferecer uma formação igualitária a todas as crianças.

“A gente sabe que os homens, enquanto grupo, têm poder. Mas acho que, como indivíduos, esse patriarcado em que vivemos também é ruim para eles. Os meninos crescem e se tornam homens que não têm nenhuma conexão real com seus “eus” emocionais. É ruim para todos”, afirma.

“Eu amo quando as mulheres negras ocupam espaço. Minha filha vai crescer em dois mundos. Um é um mundo antinegro, e esse é dos EUA. O outro mundo é a Nigéria, que não é sobre raça. Então, vou ter que ensiná-la que raça não a define. E também sobre as pessoas que são racistas, que isso é problema delas.”

O guia foi escrito antes de Chimamanda se tornar mãe de uma menina.

“Minha filha tem apenas 6 anos, mas é uma menininha muito feroz. Ela tem as opiniões dela, sabe quem é e eu sou muito grata”

## Chimamanda Adichie eleita vencedora dos vencedores do Women's Prize for Fiction

Visão | [CULTURA](#)

12.11.2020 às 12h15



O romance "Meio sol amarelo", da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, que venceu o Women's Prize for Fiction em 2007, foi eleito pelo público o melhor de todos os vencedores em 25 anos de existência deste prémio literário

Treze anos após ter sido galardoada pelo seu romance sobre a guerra do Biafra e o confronto de etnias, Chimamanda Ngozi Adichie foi hoje eleita a "vencedora dos vencedores" numa votação feita pelo público, anunciaram os promotores do prémio.

O seu romance prevaleceu sobre os de autores como Zadie Smith, com "Uma questão de beleza", Lionel Shriver, "Temos de falar sobre o Kevin", Ali Smith, "Como ser uma e outra", Rose Tremain, "Sonata a Gustav", e Maggie O'Farrell, vencedora deste ano com "Hamnet", entre outros. Adichie segue assim os passos de Andrea Levy, que foi eleita a "melhor dos melhores" da primeira década do prémio, pelo seu romance "Small Island", vencedor do Women's Prize for Fiction 2004.

Este prémio único marca o culminar das celebrações ao longo do ano do 25.º aniversário da premiação de vencedores inesquecíveis, refere a organização num comunicado.

Chimamanda Adichie, que se encontra atualmente em Lagos, Nigéria, afirmou-se “especialmente emocionada por ser eleita ‘vencedora dos vencedores’, porque este foi o prémio que trouxe um vasto público” ao seu trabalho, e foi também o que a apresentou “ao trabalho de muitos escritores talentosos”.

A autora receberá uma edição de prata da estatueta anual do prémio, conhecida como ‘Bessie’, originalmente criada e doada pelo artista Grizel Niven.

Uma edição especial exclusiva de “Half of a Yellow Sun” (“Meio sol amarelo” no título original) está agora também disponível na Waterstones. Em Portugal, o livro está editado pela Asa.

Muriel Gray, presidente do júri em 2007, ano em que “Meio Sol Amarelo” ganhou originalmente o prémio afirmou que “embora seja por vezes pomposo chamar ‘importante’ a um livro, é apropriado dizê-lo de ‘Meio-Sol Amarelo’”.

“Para uma autora, tão jovem na altura em que o escreveu, ser capaz de contar uma história de tão grande escala em termos de sofrimento humano e das consequências do ódio e da divisão, ao mesmo tempo que agarra o leitor com personagens tão convincentes e um enredo tão enfeitçante, é uma façanha espantosa”, acrescentou. Na opinião de Muriel Gray, a façanha de Chimamanda torna este romance não só um justo vencedor do mais especial destes prémios, mas também uma referência de excelência na escrita de ficção”.

Chimamanda Ngozi Adichie nasceu e cresceu na Nigéria, país que deixou aos dezanove anos, para se mudar para os Estados Unidos da América e ingressar na universidade. Autora de três romances, o seu trabalho está traduzido em trinta línguas.

O primeiro romance, publicado em 2003, foi “A cor do hibisco”, que ganhou o Prémio de Escritores da Commonwealth, o Prémio Hurston/Wright Legacy, e foi selecionado para o Prémio Orange de ficção

Seguiu-se “Meio sol amarelo”, assim chamado em homenagem à bandeira do Biafra, que retrata o que antecede e o que ocorre durante a guerra civil da Nigéria, e que foi distinguido com o Prémio Orange, além do Women’s Prize, e foi finalista do Prémio Nacional do Círculo de Críticos Literários.

“Americanah”, o seu terceiro romance, foi selecionado para o Women’s Prize for Fiction em 2014.

## **Chimamanda Ngozi Adichie: 'Estamos criando em uma cultura de intolerância'**

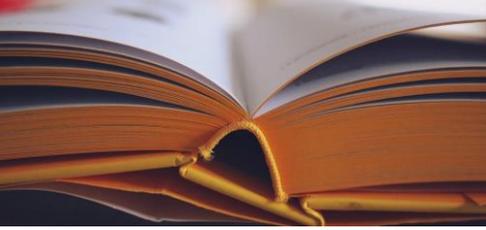
**A escritora de *Roe vs Wade*, o papel da ficção em tempos de guerra e o que viver na América lhe ensinou sobre raça**

13 DE MAIO DE 2022 | Financial Times



© Thurstan Redding para *M le Magazine du Monde*

Esta entrevista é uma versão editada e condensada de uma conversa no palco que aconteceu no FT Weekend Festival em Washington, DC, em 7 de maio



**Frederick Studemann, editor literário do FT:** Esta sessão, “Escrevendo na Era da Intolerância”, foi concebida como uma conversa sobre o que as pessoas chamam de guerras culturais. Mas agora, enquanto estamos sentados aqui, há uma verdadeira guerra acontecendo. Como os escritores devem responder a um conflito como o que estamos vendo na Ucrânia?

**Chimamanda Ngozi Adichie:** Ao pensar sobre a guerra, não-ficção e ficção são igualmente importantes. O papel de um escritor de ficção quando se trata do tema da guerra é explorar imaginativamente emoções e sentimentos, e o que talvez eu chame de humanidade. Acho que a ficção deve nos dizer como foi a guerra e a não-ficção deve nos dizer o que aconteceu.

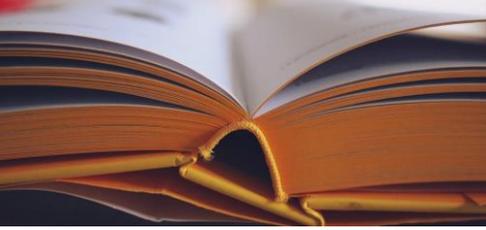
Pensando na Ucrânia, por exemplo, não acho que os escritores ucranianos poderiam fazer ficção sobre uma guerra agora, porque há um sentido em que é preciso distância e tempo para extrair emoção e significado de algo tão horrível e traumático.

Não tenho certeza se poderia ter escrito *Half of a Yellow Sun* se tivesse experimentado a guerra nigeriana de Biafra. Acho que tenho a distância, não só de tempo, mas de não ter vivenciado diretamente a guerra. E assim, de certa forma, herdei a memória. Eu acho que há um sentido em que isso me deu uma vantagem. Há pessoas — Chinua Achebe, por exemplo — que escreveram sobre a guerra, mas muito brevemente e quase obliquamente. Acho que é porque ele estava profundamente imerso naquela guerra.

**FS:** Estamos falando no final de uma semana em que ouvimos sobre a possível derrubada de *Roe vs Wade* nos EUA. Algumas pessoas dizem que isso só vai inflamar ainda mais outro tipo de conflito, que chamamos, com ou sem razão, de guerras culturais. Para onde ele escala?

**CNA:** Eu acho que a possibilidade de derrubar *Roe v Wade* neste país é um desastre absoluto. Mas é interessante porque quando falamos sobre guerras culturais, acho que essas coisas existem há muito tempo. Este é um país em que um grande número de pessoas são eleitores de uma questão. E muitas vezes, essa questão é o aborto.

Acho surpreendente que possamos estar conversando sobre se uma mulher deve ter permissão para fazer o que quiser com seu próprio corpo. Meu ponto é, agora que existe a possibilidade de ser derrubado, é um desastre, é perturbador, mas não é realmente chocante. Porque é uma posição que muitas pessoas neste país ocupam. Eu realmente respeito as pessoas que, por motivos religiosos ou por qualquer motivo, se opõem ao aborto, mas acho que é uma posição que as pessoas deveriam ter apenas para si mesmas. Você não pode tê-lo para outras pessoas.



Acho que a única razão pela qual podemos estar neste lugar neste país é porque ainda não pensamos realmente nas mulheres como seres humanos completos. Se o fizéssemos, não estaríamos tendo a conversa. Na verdade, perdi cerca de 45 minutos lendo o memorando vazado do Sr. Alito. É surpreendentemente pouco inteligente. A premissa, na verdade, é “não está na Constituição”. Então, o bando de homens na década de 1780 que se reuniu para escrever isso, esqueceu de mencionar o aborto, portanto, hoje. . . isso é um absurdo, sinceramente.

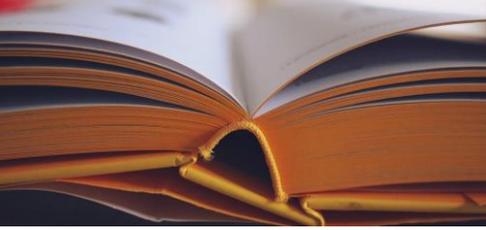
**FS:** Do outro lado das guerras culturais, acho que você foi bastante crítico com os escritores americanos por insistir em levar os leitores a um espaço confortável e seguro. Essa é uma visão que você ainda mantém? Dado que desde que você fez essas observações há 10 anos, muita coisa aconteceu: a presidência de Trump, o Black Lives Matter e agora o vazamento da Suprema Corte. Os escritores vão intensificar? Eles podem?

**CNA:** Não se trata tanto de criticar escritores como indivíduos, mas sim criticar a cultura literária, que eu acho que é parte de uma cultura americana maior de vício em conforto.

Lembro-me de quando vim para os Estados Unidos, lendo romances, e principalmente romances que eram ostensivamente sobre raça, às vezes você nem tinha certeza do que estava sendo dito porque estava formulado em uma indireta tão indireta, que era então rotulada de complexidade, mas me parecia uma maneira de evitar as partes realmente desconfortáveis. Acho que é ainda pior agora, porque agora vivemos nesta era de mídia social, onde todos devemos ser anjos perfeitos. Acho que as pessoas têm pavor de ter a opinião errada ou dizer a coisa errada, não usar a palavra mais recente e a mais certa. Acho que tem sérias consequências para quem cria arte, porque te sufoca. O maior inimigo da criatividade é a autocensura.

Quando dou aulas para jovens na Nigéria, digo a eles, quando você estiver escrevendo, não pense em sua família. Porque nós viemos de uma cultura onde você está pensando, eu não quero que minha mãe saiba que eu sei sobre sexo, então eu não posso escrever uma cena de sexo. Essas são as coisas com as quais os escritores em geral vão lutar, mas agora, nesta cultura, há a possibilidade adicional de reação. Correndo o risco de soar como um dos meus tios rabugentos, que pensa que tudo moderno é terrível, eu me preocupo com o que vai acontecer no futuro. Eu me preocupo com que tipo de literatura vamos deixar para trás.

Porque estamos criando, correndo o risco de soar dramático, em uma cultura de medo e intolerância. As pessoas que pensam que são tolerantes são, na verdade, bastante intolerantes. Essas pessoas realmente fazem parte da tribo daqueles que criam. E assim, se você está em uma família de pessoas que



não estão deixando você estar naquele espaço onde você pode escrever com verdade, então acho que é motivo para se preocupar.

Precisamos de literatura, precisamos contar histórias como seres humanos, precisamos. Estou otimista, realisticamente assim. Imagino que esta é uma onda que vamos surfar, mas em algum momento todos nós vamos nos sentar e as balanças cairão ruidosamente e cairão de nossos olhos. E vamos perceber que fomos apenas loucos.

**FS:** Algumas pessoas pensam que talvez os eventos na Ucrânia possam antecipar esse tipo de reinicialização.

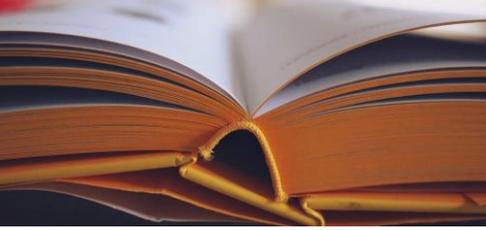
**CNA:** Obviamente, sinto muito sobre o que está acontecendo na Ucrânia e a guerra louca de Putin. Mas às vezes também me preocupo com o que está acontecendo na Ucrânia, cegando-nos para o fato de que existem outras partes do mundo em terrível turbulência.

O que eu diria é: o Iêmen deveria nos expulsar disso, o que está acontecendo na Etiópia deveria nos expulsar, o que aconteceu no Congo deveria nos expulsar, a República Centro-Africana deveria nos expulsar fora disso. Eu não sei se a Ucrânia vai. Talvez seja para o pequeno círculo de pessoas no ocidente que pensam que somente quando as coisas acontecem no ocidente elas realmente importam. Posso apenas dizer, e eu sei que esta não é a questão, mas é realmente inconcebível que o governo britânico esteja recebendo refugiados da Ucrânia, como deveria, mas então está enviando outros para Ruanda. Eu só penso, por que não há indignação sobre isso no mundo?

O que está preocupando a cultura da esquerda americana, na verdade, é que não se trata da realidade confusa do mundo. E não sei o que vai nos empurrar para fora disso, mas em algum momento teremos que fazê-lo. Não é sustentável.

**FS:** Você disse no passado, eu não era negro até vir para a América. Você lida com toda essa questão de forma brilhante em *Americanah* [2013]. Houve muito desenvolvimento desde aquela época, principalmente Black Lives Matter. Como você acha que as coisas mudaram em toda a questão da corrida aqui?

**CN:** Quando eu falei sobre se tornar negro na América, é realmente porque na Nigéria somos todos negros, então não pensamos em raça como algo com o qual nos identificamos. Na Nigéria, é claro que eu sabia sobre raça. Li *Roots* e depois vi a série de TV. Eu sabia vagamente sobre a história afro-americana. Então eu vim para os EUA e percebi que essa nova identidade era algo que eu não tinha escolha. E isso é por causa da minha aparência. Eu tentei por um tempo resistir à identidade. No meu primeiro ano de graduação, eu diria que não sou negro, sou nigeriano. Parte disso eu acho que foi aquela ansiedade



imigrante, de uma pessoa que veio para um novo lugar e está ansiosa para fazer o bem, e que já viu que este é um país que é objetivamente anti-negro. E sente que a maneira de lidar com isso é se afastar da escuridão. Mas eu percebo que você não pode. Esta é uma identidade baseada na sua aparência e todos os estereótipos negativos ligados à negritude estarão ligados a você. Você pode proclamar que é nigeriano para sempre, mas eles estão apenas olhando para uma garota negra.

E assim, comecei a ler história e literatura afro-americanas porque queria entender a raça na América. Quanto mais eu lia, mais eu ficava surpreso, horrorizado, cheio de admiração pelos afro-americanos. Cheguei a me chamar de negro. Gosto de dizer que em americano sou politicamente negro. Não sou cidadão americano, mas morando aqui, farei de tudo para apoiar um candidato negro e bastante razoável.

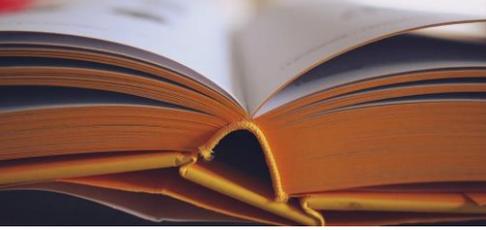
Black Lives Matter eu realmente admiro. Acho que o que Black Lives Matter fez foi mudar a conversa de uma maneira notável. Há muito sobre o que se pode falar agora na América que não se podia falar quando cheguei aqui há 25 anos. Eu acho que isso é realmente por causa do Black Lives Matter.

**FS:** Você poderia dar um exemplo?

**CNA:** É estranho que mesmo fato seja contestado neste país, principalmente quando se trata de raça. Acho que agora também está bem, principalmente, falar sobre a ainda incrível sub-representação dos negros. Mas, claro, também vem com alguns efeitos colaterais muito preocupantes, como quando as pessoas dizem coisas como, para esta semana, só vou comprar de empresas de propriedade de negros. Para qual deles então diz, e na próxima semana, então o que acontece?

Há todo esse tipo de coisas performáticas que acontecem. Mas acho que essas conversas são boas para este país, porque você não pode fugir do seu passado e do seu presente. Racismo não é coisa do passado, é isso. O que está acontecendo hoje está muito ligado ao que aconteceu ontem. Isso é o que é estar vivo no mundo.

Não há uma escuridão monolítica, é claro. Tem gente que diz que não precisa fazer distinções, preto é preto. Mas eu estou pensando, na verdade, você faz. Por exemplo, as universidades deste país ainda não fazem o suficiente para alcançar afro-americanos desprivilegiados. Eu acho que ainda há muitas vezes essa negritude geral, então quando você pega o garoto realmente talentoso de Lagos ou de Nairóbi, você diz que eu tenho uma pessoa negra. Você tem uma pessoa negra, mas também precisa de uma pessoa negra afro-americana porque há uma história diferente lá.



Eu acho que essas diferenças são importantes, mas também temos que lembrar, sim, [há] negros na Inglaterra, negros na França, negros no resto da Europa, mas há um fio que atravessa, e é que os brancos conseguem nos empurrar para o fundo em todos os lugares.

**FS:** No ano passado, ambos os Prêmios Booker, o Prix Goncourt francês e o Prêmio Nobel de Literatura foram para escritores do continente africano. Muitas pessoas viram isso como parte desse grande renascimento mais amplo da escrita africana. Você diria que este é um exemplo real de escrita da África recebendo melhor reconhecimento?

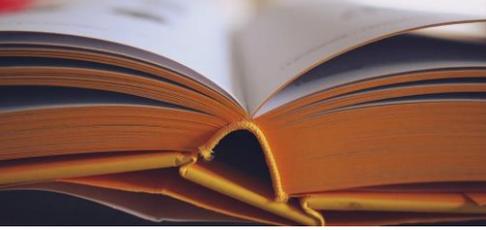
**CNA:** Para mim, os prêmios são importantes porque aproximam os leitores dos escritores. O que eu espero e com o que sonho e o que importaria tanto para mim, é quando chegarmos a um lugar onde os escritores negros sejam lidos da mesma maneira comum que todos os outros são lidos. Quando a escrita negra não é vista como literatura negra. E especialmente quando se trata de literatura africana, onde as pessoas que lêem pensam que estão tomando seus remédios. Mostra que você é bom e virtuoso e acredita na diversidade e naqueles pobres africanos. Quero que cheguemos àquele lugar onde você está lendo Abdulrazak Gurnah porque é fantástico.

**FS:** Você falou sobre os problemas de autocensura e intolerância. Como trazer a tolerância de volta?

**CNA:** Em um dos romances de Edna O'Brien, *August Is a Wicked Month*, há uma seção onde eles estão falando sobre um escritor. Ele não é nomeado, mas é óbvio que é James Baldwin. E o personagem diz que não é um N-palavra escrevendo sobre N-palavras, ele é uma fada escrevendo sobre fadas. Esse pedaço de diálogo, eu pensei, foi realmente muito bom, e é por isso que ficou na minha cabeça.

Mas ao lê-lo, também me lembro de pensar que a maioria dos editores nos Estados Unidos hoje pediria para você tirá-lo. E eles pediriam para você tirá-lo porque ficariam aterrorizados com a possibilidade de alguém ser ofendido. Mas a questão é que as pessoas falavam assim sobre James Baldwin. E O'Brien nos deixou, realmente, esse testemunho histórico e emocional, que é o que a literatura deveria fazer. O fato de não podermos fazer isso hoje parte meu coração porque há tanta coisa que não vamos conhecer sobre nós mesmos. E, claro, o romance de Edna O'Brien não é de forma alguma um romance racista ou um romance homofóbico porque você pode dizer que a visão de mundo do romance é realmente muito bonita, receptiva e aberta, mas é honesta. É honesto dizer que esse tipo de conversa acontece.

**FS:** Você administra oficinas para estudantes em Lagos – como você acha a dinâmica, trabalhando com uma geração mais jovem?



**CNA:** Há uma fome, as pessoas querem contar histórias. Tento dar o tom, suponho, da oficina. Eu digo a eles, este é o meu espaço, então eu faço as regras. E uma das regras é ouvir a todos, meu ponto é tentar deixar a santidade na porta porque atrapalha a criatividade. Também direi que quero que comecemos olhando para dentro e pensando nos lugares onde falhamos, porque você não pode escrever ficção a partir de um lugar puro e perfeito. Você tem que escrever a partir de um lugar de falhas.

### ***Sobre o autor***

**Chimamanda Ngozi Adichie** (nascida em 1977) é uma escritora cujos romances, contos e ensaios ganharam reconhecimento internacional por suas representações da identidade cultural e da experiência da diáspora. Adichie foi indicada para o Booker Prize em 2004, recebeu uma bolsa MacArthur 'Genius' em 2008 e foi destaque em um álbum indicado ao Grammy de Beyoncé. Nascida e criada na Nigéria, Adichie mudou-se para os EUA aos 19 anos para se formar em comunicação e ciências políticas; sua carreira na ficção começou com um prêmio conjunto para a BBC Short Story Competition em 2002. No ano seguinte, juntamente com a conclusão de um MFA de escrita criativa na Johns Hopkins, seu romance de estreia *Purple Hibiscus* foi publicado com aclamação. Adichie usa os conceitos de lar, pátria e desintegração da unidade doméstica para explorar temas sociais e históricos mais amplos. *Purple Hibiscus* e seu romance seguinte, *Half of A Yellow Sun* (2006), exploram as políticas de gênero, religião e globalização através da feminilidade individual na Nigéria pós-colonial; *Americanah* de 2013 continuou o uso de Adichie da história pessoal e coletiva nas histórias de dois jovens nigerianos com caminhos divergentes após o 11 de setembro. A crítica feminista e literária de Adichie se estende a discursos públicos e ensaios, notadamente a palestra TEDx de 2012 *We Should All Be Feminists*, que apareceu na música de 2013 de Beyoncé “\*\*\*Flawless”, e foi adaptada em um ensaio de livro em 2014. Não-ficção subsequente obras incluem *Dear Ijeawele, or A Feminist Manifesto in Fifteen Suggestions* (2017) e *Notes on Grief* (2021), um livro de memórias baseado na perda de seu pai.